

MOTS-VALISES: POETICIDADE DA FORMA NA OBRA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Edna Maria F. S. Nascimento*

Sou apenas um escritor que cultivava a idéia antiga, mas apesar disso sempre moderna, de que som e sentido da palavra pertencem um ao outro¹.

Linguagem/Narrativa

Este texto surgiu a partir de reflexões sobre o material coletado para a elaboração do glossário do *Grande sertão: veredas*, que será publicado pela Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes du XX^e siècle, na Coleção Arquivos, sob os auspícios da UNESCO.

Por mais de três anos, uma equipe constituída por mim e pelas professoras Doutoras Nilce Sant'Anna Martins e Maria Célia de Moraes Leonel dedicou-se a definir o sentido de vocábulos tidos como de difícil intelecção pelo leitor. Tomou-se como fonte de consulta dicionários de língua portuguesa e estrangeira, alguns dicionários regionais, obras sobre João Guimarães Rosa e apontamentos do escritor que fazem parte do seu acervo, pertencente ao IEB-USP. Se o termo está registrado em uma dessas obras de consulta, após a transcrição do sentido adequado, indicamos esta fonte, como no exemplo abaixo:

"baldrocar. (Popular) Fazer baldrocas, a; enganar (*Novo Aurélio*, p. 156).

Quando o termo não está abonado em nenhuma obra de consulta, ele recebe a sigla ND (não dicionarizado), seguido de definição cunhada pela equipe, como no exemplo do verbete a seguir:

* Professora do Depto. de Lingüística - UNESP-Araraquara.

1. ROSA. J. G. Literatura deve ser vida. Um diálogo de Günter Lorenz com Guimarães Rosa. Gênova, janeiro de 1965. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil*, organizada por "Asstellungsund MesseGmbH des Borsenvereins des Deutschen Buchhandels", em Frankfurt am Main; em colaboração com o Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 1971. p. 299.

“geringonciável”. ND. Provável aglutinação de *gerir* + *engonço* (boneco de) + *negociar* + *-ável*. O vocábulo geringonça (coisa mal feita e de estrutura precária) também pode fazer parte desse radical. Que se pode administrar, dirigir, manipular como fantoche (p. 287).

Já há alguns anos, pesquiso, sob o ponto de vista lingüístico, a obra de Guimarães Rosa. No meu mestrado², resalto os procedimentos utilizados pelo escritor para criar neologismos, ou melhor, aqueles vocábulos que considere como tal por serem ND. Como tese de doutorado³, apresentei trabalho onde estudo os diferentes tipos de traduções intralinguais (metalinguagem natural) que Guimarães Rosa elabora, na própria obra, para definir neologismos, vocábulos regionais, técnicos, etc.

Para Guimarães Rosa, a língua deve ser explorada em todas as suas virtualidades⁴. O glossário do *Grande sertão: veredas*, que ora terminamos, é exemplo da exploração das virtualidades da língua. Acreditamos que o levantamento dos vocábulos, acompanhados de expansões definicionais, seja representativo do trabalho executado por Guimarães Rosa do uso ou da criação do vocábulo certo no lugar certo, ou seja, a busca incessante da palavra precisa, tão almejada por ele. Essa busca da expressão exata é uma das razões de podermos considerar o escritor mineiro o poeta da prosa. Percebemos em todo o seu texto um eterno buscar da poeticidade da forma. Em uma carta dirigida à Harriet de Onís, tradutora de parte de sua obra para o inglês, comenta que a construção da linguagem e a da narrativa tem importância igual em seus textos⁵.

Revedo o glossário, para dar retoques finais, chamou-me a atenção - entre outros procedimentos, que pretendo estudar mais tarde - as diferentes *mots-valises* utilizadas por ele para chegar à expressão exata. Para demonstrar que esse procedimento é recurso lexical freqüente na composição do micro universo de sua obra, utilizarei exemplos levantados de outros livros do escritor.

Mots-valises

O processo de formação de palavra *mot-valise* é também conhecido por *portemanteau*, *mot-centaure*, *acronyme*. A denominação *portemanteau* significa originariamente “mala de viagem provida de cabides para que as roupas fiquem dependuradas, ou dobradas sobre si mesmas”⁶. Hoje, esse termo é também empregado para nomear vocábulos formados pelo acondicionamento de dois significados.

2. NASCIMENTO, E. M. F. S. *Contribuição para o estudo do léxico roseano*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

3. *Idem*. *Estudo da metalinguagem natural na obra de Guimarães Rosa*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

4. ROSA, J. G. Pequena palavra (prefácio). In: RÓNAI, P., org. *Antologia do conto húngaro*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1957. p. XXIV.

5. Carta de 09 fev. 1965. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo-IEB).

6. MARQUES, O. *A seta e o alvo*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. p. 112.

A origem da denominação, explica Oswaldino Marques, encontra-se em *Through the looking glass (Através do espelho)*, de Lewis Carroll, no qual o pequeno monstro ovóide Humpty-Dumpty, ao explicar a Alice o significado de várias palavras abstrusas que aparecem no poema "Jabberocky", diz::

"Well, *slithy* means *lithe and slimy*. You see it's like a portemanteau - there are two meanings packed up into one word. (Bem, *slithy* (flexadio!) significa *lithe* (flexível, maleável) e *slimy* (escorregadio). É, como se vê, tal qual um *portemanteau* - há dois significados acondicionados numa só palavra"⁷.

As denominações *mot-valise*, *mot-centaure*, *acronímia* têm também o sentido utilizado para *portemanteau*. Mas elas se diferenciam se considerarmos o significado dos elementos que as compõem. A dupla *portemanteau* "cabide"/*mot-valise* "palavra-mala" considera a acumulação semântica dos elementos componentes, enquanto a dupla *mot-centaure* "palavra-centauro"/*acronímia* "nome formado pelas sílabas da extremidade dos componentes; acro do grego acros, extremo"⁸ destaca o truncamento que as palavras sofrem ao se juntarem. Mas todas essas denominações designam um tipo de vocábulo que é formado pela redução morfofonológica de duas ou mais palavras ocasionando a junção de dois ou mais sememas.

Louis Guilbert ressalta que há diferença entre *aglutinação* e *mot-valise*, embora as duas formem vocábulos pela junção de duas palavras. A diferença fundamental, segundo esse autor, é que na *aglutinação* a junção não é calculada; o novo vocábulo resulta da sedimentação lenta dos elementos componentes. Na *mot-valise*, ao contrário, há uma síntese consciente, um truncamento calculado, intencional dos elementos componentes.

Oswaldino Marques, no livro já citado anteriormente, esclarece que esse processo não é recurso novo, aparece já em François de Villon e Rabelais, mas é em James Joyce, que o usa com mais freqüência e originalidade, principalmente em *Finnegan's Wake*, que ele começa a ser notado⁹. M. Rheims¹⁰ dá alguns exemplos dessas formações em autores da segunda metade do século XIX: *subrequis* (sobre(ptice) + exquis, A. Daudet), *éléphantaisiste* (éléphant + (fan)taisiste, J. Lafforque), *noirdure* (noi (ceur) + (ve)rdure, Thomas Couture).

Guilbert levanta muitos exemplos que se formaram em nosso século. Essas criações referem-se, principalmente, ao vocabulário técnico e científico: *musicassette* (musi(que) + cassette), *vidéophone* (vidéo + (télé)phone), *eurovision* (euro (péenne) + (télé)vision)¹¹.

7. *Idem, ibidem*. p. 112.

8. GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975. p. 245.

9. *Idem, ibidem*. p. 112.

10. RHEIMS, M. *Dictionnaire des mots sauvages écrivains des XIX^e et XX^e siècles*. Paris, Larousse, 1969.

11 GUILBERT, L. *Op. cit.* p. 246.

Em português, os exemplos de *mot-valise* são freqüentes também na linguagem técnica: *morfofonologia*, *psicolingüística*. Há exemplos também na nossa língua coloquial dos programas humorísticos de televisão, como no já extinto *Planeta dos homens*, no qual um cientista maluco criava novos eventos, como a *serpençã* (*serpen*(te) + (*ma*)çã), ou na linguagem coloquial dos álbuns de figurinhas, onde se criam animais mistos, como: *jacaleia* (*jaca*(ré) + *ba*(leia), *minholeta* (*minho*(ca) + (*borbo*)leta). Em escritores brasileiros esse processo pode ser exemplificado em Oswald de Andrade: *monotocava* (*monó*(tono) + *tocava*), *tilintantava* (*tilinta*(va) + um verbo derivado de *tanto*); em Gilberto Mendonça Telles: *galossipam* (*galo*(pam) + (*di*)ssipam), *áspedras* (*áspe*(ra) + *pedras*); no humorista Millôr Fernandes: *maravilhástico* (*maravilh*(oso) + (*fant*)ástico).

Na obra de João Guimarães Rosa, nosso objeto de estudo, levantamos oitenta vocábulos *mots-valises*. Utilizaremos apenas alguns neste texto com a finalidade de classificá-los e tentar refletir sobre a função do seu uso nesse microuniverso.

Tipos de *mots-valises* na obra roseana

Pierre Gilbert¹², considerando o aspecto morfofonológico da redução, distingue três tipos de *mots-valises*. Seguindo essa classificação, dividiremos os compostos roseanos em três grupos, exemplificados com três categorias gramaticais encontradas: substantivo, adjetivo e verbo:

a) o primeiro tipo consiste na redução do primeiro componente, conservando o segundo a sua integridade. “Para si, falou, pelo sozinho, *revelamentação*¹³ *reve*(lação) + *lamentação*;

“Passavam fome, quando não entravam em *pantagruomérico* comer, dormiam irrepousadamente [...]”¹⁴. *Pantagru*(el), personagem comilão criado por Rabelais, + *homérico*;

“Os cachorros *barrondando*”¹⁵. *Barro*(ar), (*Bras.*) voltar (o cão) a encontrar o rasto de (a caça) após havê-lo perdido, + *rondando*;

b) o segundo tipo resulta do truncamento do segundo elemento, permanecendo o primeiro intacto.

“Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de prisão, as *hitlerocidades*, as trágicas técnicas [...]”¹⁶. *Hitler* + (*at*)rocidades;

“Quim, o novo-casado, de medidas sem cura [...] *lunático-de-mel*, *felizquim*.”¹⁷; *feliz* + (*Joa*)quim.

12. GILBERT, P. *Dictionnaire des mots nouveaux*. Paris, Hachette-Tchou, 1971.

13. ROSA, J. G. *Estas Estórias*. 1. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967. p. 116.

14. *Idem*. *Ave, Palavra*. 1. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970. p. 67.

15. *Idem*. *Manuelzão e Miguilim*. 4. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970. p. 191.

16. *Idem*. *Ave, Palavra*. Ed. cit., p. 110.

17. *Idem*. *Tutaméia. Terceiras Estórias*. 1. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967. p. 109.

“Mas os dedos se *estremecitavam* esfiapado [...]”¹⁸. Estremecer + (ex)citavam;
c) o terceiro tipo consiste na redução concomitante dos dois elementos.

“Aí o *truvisco*; e buzegava”¹⁹. tr(ovão) + (ch)uvisco;

“Suspendeu-se o *indaguejar*”²⁰. inda(gar) + (ga)guejar.

Encontramos na obra de João Guimarães Rosa um quarto tipo de *mot-valise*, que resulta do acondicionamento de dois significados, mas sem que haja aparente truncamento de um dos dois elementos ou dos dois elementos componentes, como ocorre nos três tipos descritos por Pierre Gilbert. Essa variedade de *mot-valise* consiste em juntar dois vocábulos em que o final do primeiro elemento é o mesmo ou quase o mesmo do começo do segundo. Essa combinação calculada permite uma dupla leitura: lemos tanto a primeira como a segunda palavra, temos a falsa impressão de que não houve truncamento. Por exemplo, em *urubugres*, ocorre o truncamento de uma das sílabas *bu*, que tanto pode ser do final do primeiro elemento como do início do segundo, já que o vocábulo é formado de *urubu* + *bugre*. A identidade da parte final e inicial dessas formações permite um cruzamento perfeito entre os elementos componentes. Essa formação dá origem a substantivos, adjetivos e verbos e também a advérbios:

“ternura sem tentativa - *fraternura*”²¹

fraterno + ternura;

“Pele tentava ajudar, *diligentil*”²²

diligente + gentil;

“Ora, mais, também fugiu um, mais ousado comodista ou localista, que preferiu, isto é, *recifez* em Pernambuco”²³.

Recife + fez;

“E, pois, livrando-se *arcangelicamente*, a alma almissima [...]”²⁴”.

arcanjo + angelicamente.

Guimarães Rosa e as *mots-valises*

João Guimarães Rosa denomina a montagem calculada, intencional de duas ou mais palavras *empastamento semântico* ou *cruzamento*. A primeira denominação aparece quando ele explica a Edoardo Bizzarri, tradutor de parte de sua obra para o italiano, que, um tanto perplexo, pergunta pela formação da expressão

18. *Idem*. *Grande sertão: veredas*. 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. p. 446.

19. *Idem*, *ibidem*. p. 410.

20. *Idem*. *Primeiras Estórias*. 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972. p. 29.

21. *Idem*. *Tutaméia. Terceiras Estórias*. Ed. cit., p. 22.

22. *Idem*. *Primeiras Estórias*. Ed. cit., p. 116.

23. *Idem*. *Ave, Palavra*. Ed. cit., p. 14.

24. *Idem*, *ibidem*. p. 37.

tontas vezes:

"[...] *tontas vezes* (é assim mesmo, assimilando *tontas* e *tantas*, ou é erro de revisão?) Sim. É o empastamento semântico de 'tantas' e 'tontas'"²⁵.

A denominação *cruzamento* é usada na carta a Meyer-Clason, tradutor de parte de sua obra para o alemão, para explicar a formação da palavra *tresmente*. No trecho da correspondência, há um erro de datilografia, a supressão da consoante r de *tresmente*, ocorrendo a forma *tesmente*. Se acompanharmos a explicação do autor sobre a formação dessa palavra, não haverá dúvida quanto a afirmarmos que a sua forma correta é *tresmente*:

"[...] *tesmente* [sic]. Penso que é 'cruzamento' ou superposição de 'entrementes' com o prefixo *tres...*, de reforço, ou designativo de intensidade. Creio que o melhor será traduzir por: *entrementes* [...]"²⁶.

Os textos de *Grande sertão: veredas* indicados na carta referendam a afirmação:

"*Tresmente*: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o aniz enfeitando suas moitas, e com florzinhas as dejaniras." (p. 24);

"Numa roda-morta, se esperou, tẽ que de lá, da dobrada duma ladeirinha, os três tiros eles deram, somando o aprovado. A tanto, *tresmente*, também se respondeu desfechando". (p. 276).

Em outras cartas a tradutores, motivado pela dificuldade de tradução das *mots-valises*, explica essas formações. Seguem-se os trechos das obras onde ele emprega as *mots-valises* e os trechos da correspondência em que ele explica as matrizes que deram origem às montagens:

"E puxou um silêncio tão grande, tão fino em si, tão claro, que até se escuta curua no rio. A rugagem - 'É peixe pedindo frio!' Um sapo rampando"²⁷.

"[...] rugir + aguagem

rumor das águas enrugadas (arrugadas)"²⁸.

"O Aldaz! Ele partia. Oscilado, só se *dançandoando* espumas e águas o levavam, ao

25. GUIMARÃES ROSA *correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, Caderno n. 8, 1972. p. 91.

26. Carta de 14 fev. 1964, Rio de Janeiro. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo-IEB).

27. ROSA, J. G. *Noites do sertão*. 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969. p. 115.

28. GUIMARÃES ROSA *correspondência com o tradutor italiano*. Ed. cit. p. 87.

Aldaz Navegante, para sempre, viabundo, abaixo, abaixo"²⁹.

"[...] 'dançandoando'= dançar + doar-se"³⁰.

"[...] eu ainda mais esquivançando"³¹.

"[...] ESQUIVANÇANDO =; avançando de modo esquivo ou hesitante, cauteloso"³².

"O fel de defunto - se dizia. Vezes que sucede de um adormorrer na estrada, sem prazo para um valha-me"³³.

"[...] de adormecer + morrer [...]"³⁴.

A *mot-valise* pode inclusive ter mais de um significado. No exemplo abaixo, há uma *polissemia complexa*, segundo denominação de Guimarães Rosa, que a explica como resultado possível de duas formações: o cruzamento de *terrível* + *pavoroso* ou como composição do vocábulo *terra* + o radical latino *voro*, servindo de segundo elemento. O texto do conto "A Benfazeja", onde se encontra o neologismo, segue a citação, da carta:

"TERRIVOROSOS =

"de terrív(él) + (pa)voroso

"Mas também de:

"terr(a) + [...] voro (de devorar)

"(Cf. a expressão usual: 'com estes olhos que a terra há de comer...')

"É uma polissemia complexa, cheia de fortes sugestões. Sugiro aproveitar para exemplificação, no seu estudo que acompanhará o livro"³⁵.

"E, nunca se esqueçam: tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos terrivorosos, e não souberam impedir, nem compreender, nem agraciar"³⁶.

Mots-valises e a prosa/poema roseana

29. ROSA, J. G. *Primeiras Estórias*. Ed. cit., p. 122.

30. *Idem*, carta a Meyer-Clason, Rio de Janeiro, 24 mar. 1966. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo -IEB).

31. *Idem*. *Primeiras Estórias*. Ed. cit., p. 161.

32. *Idem*. Glossário TARANTÃO, MEU PATRÃO, anexo à carta a Meyer-Clason, Rio de Janeiro, 17 ago. 1966. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo-IEB).

33. *Idem*. *Manuelzão e Miguilim*. Ed. cit., p. 178.

34. *Idem*, carta a Meyer-Clason, Rio de Janeiro, 09 abr. 1964. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo -IEB).

35. *Idem*. Glossário A BENFAZEJA, anexo à carta a Meyer-Clason, Rio de Janeiro, 17 ago. 1966. (Acervo João Guimarães Rosa - Arquivo-IEB).

36. *Idem*. *Primeiras Estórias*. Ed. cit., p. 134.

Pierre Guiraud³⁷ distingue dois tipos de neologismos que correspondem a duas funções da linguagem, conforme Roman Jakobson³⁸. O primeiro tipo, que corresponde à função referencial, tem valor cognitivo: cria palavras destinadas a designar novas coisas, novas noções para as quais ainda não existem termos adequados. A tecnologia, a ciência, as artes, a filosofia forjam a cada dia inúmeras palavras desse tipo referencial. O segundo tipo de neologismos tem valor expressivo e está relacionado com a função poética. O neologismo poético não é só designativo de novas coisas; sua função primeira é dizer de uma nova maneira: tocante, cômica, original.

A esse neologismo referencial, Louis Guilbert³⁹ denomina *neologia denominativa* e esclarece que tal criação nasce das necessidades do cotidiano e é não estético, sendo própria da linguagem da indústria e do comércio. Tem a função, em geral, de evitar a ambigüidade, tendendo, portanto, a fazer uma descrição da coisa designada. Continua explicando Guilbert que o valor estético da forma lingüística não tem importância primordial visto que a finalidade desses neologismos é definir, classificar. A função pragmática dessas novas formas, a sua circulação na comunidade lingüística, torna-as signos da língua, tendo como principal característica a arbitrariedade: perdem, se é que tiveram, a motivação entre significante e significado.

O neologismo poético é denominado por Guilbert *criação estilística*, ou de *parole*, ou *de autor*⁴⁰. Ele é criado considerando a própria expressividade da forma e tem a função de exprimir de uma maneira inédita uma certa visão pessoal de mundo. Há uma valorização do significante do signo que tende a ser motivado. Nessas criações, o objetivo é a busca da colagem perfeita entre significado e significante. Por essas características estão restritos a um discurso determinado e dificilmente serão incorporados à língua.

As *mots-valises* criadas por João Guimarães Rosa são exemplos de *neologismos estilísticos*. Contrariamente as *mots-valises* do tipo *denominativo*, cuja função primeira é designar, essas criações roseanas têm a função de fundar um discurso novo e único. Não expressam somente conceitos velhos sob outras formas. As *mots-valises*, porque criadas pela redução morfofonológica de dois ou mais elementos e pelo acondicionamento de dois ou mais sememas, expressam sob nova forma um novo conceito. O significante da *mot-valise estilística* é a expressão explícita da junção de dois sememas. Poderíamos dizer que a *mot-valise* é a metáfora do significante. São formações *ad hoc*, restritas a um discurso, portanto só conseguimos decifrar o seu significado restaurando o truncamento sofrido pelas

37. GUIRAUD, P. Néologismes littéraires. In: *La banque des mots. Revue de terminologie française*. Paris, PUF, p. 22-8, 1971.

38. JAKOBSON, R. Lingüística e poética. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix/Edusp. 1969. p. 118-62.

39. GUILBERT, L. *Op. cit.*, p. 40.

40. *Idem*, *ibidem*. p. 41.

palavras *hic et hunc*. A restauração das matrizes tem de ser elaborada pelo leitor da obra roseana por meio de uma operação com a própria linguagem, ou seja, por uma operação com a própria linguagem, ou seja, por uma operação metalingüística. A partir da *mot-valise*, que funciona como um termo-objeto, o leitor tem de encontrar os termos que deram origem ao vocábulo, ou seja, construir um metatermo. No texto, onde ocorre a *mot-valise*, o leitor é convidado pela própria mensagem a decifrá-la, ele é então alçado à condição de co-autor do texto.

Se o uso das *mots-valises denominativas* tem como suporte um outro discurso - técnico, científico, comercial, industrial, etc. - , o emprego das *mots-valises estilísticas* - que faz do leitor um co-autor -, por sua vez, tem como suporte a própria mensagem. Esses neologismos, além de buscarem a expressão exata, imprimem ao texto roseano o caráter autotélico. A *mot-valise* é um dos procedimentos lingüísticos, entre os muitos, utilizados por João Guimarães Rosa para construir uma prosa/poema, ou como ele denomina condensando numa *mot-valise*: um *prosoema*.



João Guimarães Rosa em sua casa, em Copacabana/RJ. In: *Em memória...* Ed. cit.